



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS ANDRÉ NEVES ALEXANDRE DE SOUZA

GÊNERO NEUTRO: UM MOVIMENTO PARA MUDANÇA DA LÍNGUA

João Pessoa, 2021

CARLOS ANDRÉ NEVES ALEXANDRE DE SOUZA

GÊNERO NEUTRO: UM MOVIMENTO PARA MUDANÇA DA LÍNGUA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Magdiel Medeiros
Aragão Neto

João Pessoa, 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729g Souza, Carlos Andre Neves Alexandre de.
Gênero neutro: um movimento para mudança da língua /
Carlos Andre Neves Alexandre de Souza. - João Pessoa,
2021.
44 f. : il.

Orientador: Magdiel Medeiros Aragão Neto.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2021.

1. Gênero neutro. 2. Português brasileiro. 3. Língua.
4. Social. 5. Propostas. I. Aragão Neto, Magdiel
Medeiros. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 81'366.523

GÊNERO NEUTRO: UM MOVIMENTO PARA MUDANÇA DA LÍNGUA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 26/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (CCHLA/UFPB)
Orientador

Prof.^a Dra. Maria Leonor Maia dos Santos (CCHLA/UFPB)
Examinadora

Prof.^a Dra Oriana de Nadai Fulaneti (CCHLA/UFPB)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer o apoio da minha família, que sempre me incentivou aos estudos. À minha mãe, Maria do Socorro, que me inspirou a nunca desistir dos meus sonhos, ícone de força e garra. Ao meu pai, José Carlos, que sempre acreditou no meu potencial, fez de tudo para me manter na escola. Ao meu irmão, Antônio Petrônio, que me apoiou financeiramente durante boa parte da graduação e sempre acreditou na minha capacidade de me formar. À minha avó, Maria do Carmo, que não está entre nós, mas acredito que ela sempre esteve do meu lado e gostaria de me ver formado. Assim como minha mãe, ícone de força e garra. Sempre fomos só nós. Guardo todos no meu coração, obrigado por tudo!

Agradeço aos poucos professores da educação básica que fizeram a diferença nas aulas e me incentivaram a seguir os estudos. Ao meu professor de Português do Ensino Médio, Israel, que mantinha a essência de professor, a vontade de ensinar em meio ao caos do ambiente de trabalho que ele se encontrava. Obrigado por me inspirar e ter esperança em lugares desesperançosos!

Agradeço aos meus amigos de infância por sempre acreditarem no meu potencial. À Jussyfran, que tenho orgulho de ser amigo e tenho como um exemplo, sempre se mostrou uma pessoa solidária e empática. À Dinho, que tenho tanto carinho e admiração, esteve comigo em momentos difíceis da minha vida. À Hadrielly, que apesar de pouco tempo de aproximação, considero uma amiga que foi solidária em um dos momentos mais difíceis da graduação. À Joerbson, que sempre esteve comigo desde o ensino fundamental, me incentivou na escolha do tema deste trabalho, tenho muito orgulho do que nos tornamos. Agradeço aos demais amigos que não citei aqui, saibam que vocês também fizeram parte disso. Obrigado por sempre estarem comigo em momentos difíceis!

Agradeço aos professores da graduação que fizeram parte da minha construção pessoal e profissional. À Carmen Sevilla, que me mostrou outra perspectiva de ensino, olhando o outro. À Rinah Souto, que me introduziu à literatura e fez eu me apaixonar por leitura e ensino literário. À Edjane, que me introduziu, no primeiro período do curso as noções linguísticas que eu utilizei neste trabalho. Ao meu professor de Semântica e orientador, Magdiel, que acreditou no meu potencial até aqui. Obrigado por me ensinarem a ser um professor de Língua Portuguesa!

Quero agradecer aos meus colegas de graduação, em especial, Maria Alice e Victória Rebeca, que hoje, considero minhas parceiras, irmãs, companheiras. Obrigado por serem tão prestativas, carinhosas e pacientes comigo durante a graduação. Sem vocês, talvez eu não estivesse aqui concluindo essa etapa da minha vida. Obrigado por serem quem são!

Por fim, agradeço ao apoio psicológico que tive durante a construção deste trabalho. À Eder que me fez acreditar que seria capaz de lidar com meus problemas e conseguir me formar. Agradeço a mim, que não me deixei levar pela situação sombria em que nosso país se encontra. À mim, que não desisti.

“Toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vai dando.”

Marcos Bagno

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar e analisar algumas propostas de gênero neutro no português brasileiro apresentadas por Pri Bertucci, Ophelia Cassiano, Almeida (2020), Carvalho (2020) e Schwindt (2020). Para isso, por meio de uma pesquisa bibliográfica, iremos partir das diferentes concepções de gênero, desde sua etimologia. Também discorreremos sobre as causas da queda do gênero neutro na língua latina, apontando possíveis desdobramentos no português brasileiro. Para nossa pesquisa, julgamos necessário utilizar a perspectiva de gênero gramatical exposta por Rocha (1998) e Schmidt (2020), e a noção de gênero social apresentada por Klages (2010). Neste trabalho, analisaremos as sugestões de gênero neutro na nossa língua que estão associadas a questões sociais. Acreditamos que a discussão atual sobre o gênero neutro, além de linguística, é social. De modo geral, pretendemos expor a perspectiva da língua mutável, que, neste caso, pode estar de acordo com mudanças sociais. No entanto, não iremos nos aprofundar nas questões sociais envolvidas. Dado isso, iremos observar a realização morfofonológica das propostas de gênero neutro apresentadas neste trabalho e as possíveis dificuldades para a adaptação dessas formas no português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero neutro; Português brasileiro; Língua; Social; Propostas.

ABSTRACT

The present work has as general objective to investigate and analyze some proposals of neutral gender in Brazilian Portuguese presented by Pri Bertucci, Ophelia Cassiano, Almeida (2020), Carvalho (2020) and Schwindt (2020). For this, through a bibliographical research, we will start from different conceptions of gender, from its etymology. We will also discuss the causes of the fall of the neutral gender in the Latin language, pointing out possible developments in Brazilian Portuguese. For our research, we deem it necessary to use the grammatical gender perspective exposed by Rocha (1998) and Schmidt (2020), and the notion of social gender presented by Klages (2010). In this paper, we will analyze the gender-neutral suggestions in our language that are associated with social issues. We believe that the current discussion of gender neutrality is not only linguistic but also social. In general, we intend to expose the perspective of the mutable language, which, in this case, may be in line with social changes. However, we will not delve into the social issues involved. Given this, we will observe the morphophonological realization of the neutral gender proposals presented in this work and the possible difficulties in adapting these forms to Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Neutral gender; Brazilian Portuguese; Language; Social; Proposals.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Palavras que deixaram de ser proparoxítonas no latim vulgar	20
Tabela 2 - Resumo das declinações latinas	21
Tabela 3 - Formas analíticas ou compostas do latim vulgar.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONCEITOS DE GÊNERO	11
2.1	Distinção gramatical entre gênero e sexo	15
2.2	Gênero neutro gramatical	16
2.3	O uso genérico do gênero masculino	18
3	GÊNERO NEUTRO: DO LATIM PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
4	ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE GÊNERO NEUTRO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	26
4.1	Pronomes Neutros em outras línguas	27
4.2	Propostas de Pronomes e Artigos Neutros no português brasileiro	29
4.3	Propostas de Substantivos e Adjetivos Neutros no português brasileiro	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, estamos presenciando diversas transformações na sociedade, na forma de pensarmos, agirmos e de interagirmos, por exemplo. Todos nós somos suscetíveis a mudanças de acordo com o que está em nossa volta, e a forma como nos comunicamos pode ser um dos resultados dessa suscetibilidade. Levando em consideração que a língua vive em constante mudança, é importante observar como esse fenômeno pode se desenvolver e refletir em nossas vidas. Sendo assim, decidimos discutir sobre a inserção do gênero neutro na língua portuguesa do Brasil e suas relações sociais.

O tema abordado no trabalho é objeto de inúmeras discussões na internet em torno do gênero neutro. Visto que o assunto em questão tomou grandes proporções nas redes sociais, sendo citado por uma das principais instituições culturais do Brasil, o Museu da Língua Portuguesa. Em 12 de julho de 2021, o perfil oficial da instituição fez um *post* no *Twitter* em que aparece escrito o termo ‘todes’, apesar de ser uma expressão que ainda não faz parte da norma padrão gramatical da língua portuguesa do Brasil. Além disso, tais discussões desencadearam embates e revolta em parte da classe política que defende a proibição do uso do gênero neutro nas escolas. Portanto, decidimos analisar o processo de transformação da língua portuguesa a partir do gênero neutro, e como isso pode se refletir na sociedade contemporânea.

Para algumas pessoas, pensar na mudança intencional no sistema linguístico pode parecer loucura, sendo motivo de repúdio, como é o caso do uso do gênero neutro. É possível considerar a falta de informação como um dos fatores que possibilitam essas barreiras na efetivação da mudança. Muitos se esquecem que a língua é viva e dinâmica, e está em constante movimento, como diz Bagno (1999). A nossa língua é tão mutável que existem expressões que eram utilizadas décadas atrás que hoje caíram em desuso¹. Não tem como definir se certas expressões vão perdurar, a língua, neste caso, é imprevisível. Os processos de mudança na língua acontecem de forma gradual e contínua.

¹ Expressões como: Ceroula (cuecas compridas), Supimpa (significa que algo está bom), Safanão (uma forma de dar bronca), Sirigaita (mulher fogosa ou namorada), Vossemecê (você), etc. não são mais utilizadas, porém foram adaptadas a novos termos.

Nesta pesquisa, temos interesse em trabalhar em torno das noções de gênero gramatical, que neste caso, estão sendo associadas às questões sociais. No entanto, não iremos nos deter às questões sociais com mais profundidade. Porém, é interessante atentarmos e reconhecermos de onde partem as modificações. No momento, o uso do gênero neutro está sendo discutido a partir de práticas discursivas de uma parte da população à margem da sociedade, que busca uma nova forma de expressão e comunicação inclusiva. Esse grupo, em grande maioria pertencente à comunidade LGBTQIA+, propõe algumas modificações na língua. Uma das propostas é alterar as formas de marcação de gênero em alguns casos como nos adjetivos, pronomes e artigos. Inicialmente essas alterações se deram através de símbolos como '@' e 'x' (*amig@, amigx; lind@ e lindx*). Mais adiante surgiram outras opções, como a substituição das vogais *a* e *o* por outras vogais como *e, i* e *u* (*amigue, linde; de 'ele' para 'ile' ou 'elu'*).

Dessa forma, iremos discutir e analisar a possível variação binária de gênero marcado no português brasileiro, o gênero neutro gramatical. Também comentaremos a respeito das diferentes manifestações da linguagem neutra, nas quais não se resumem em apenas elementos morfológicos. Dessa maneira, iremos explicar o uso do gênero masculino genérico como gênero neutro, e observar outras sugestões de soluções que estão sendo discutidas.

Para analisar melhor as implicações do gênero neutro na língua portuguesa iremos investigar brevemente algumas mudanças na língua portuguesa a partir do latim, para que possamos compreender o uso do gênero neutro nos dias atuais. Dessa forma, por meio de pesquisa bibliográfica, temos como objetivo principal investigar como o gênero neutro se apresenta morfolologicamente no português brasileiro, além de expor algumas implicações fonéticas que as propostas possam apresentar.

Com a intenção de manter uma linearidade, iremos começar apresentando os conceitos gerais de gênero, para depois especificar as noções de gênero que abordaremos. Em seguida, mostraremos como o gênero neutro sumiu do latim, que originou a nossa língua. Por fim, iremos analisar as propostas de gênero neutro que estão em debate para o português brasileiro.

Para contextualizar a definição de gênero que abordaremos neste trabalho, vamos partir dos conceitos que abrangem o gênero, desde sua etimologia. Dessa maneira,

observaremos as concepções Aristotélicas, além de usarmos as noções de gênero expostas por Costa (1995), por Rocha (1998) para definir o gênero gramatical, Bakhtin (1997) que explica os gêneros discursivos e Klages (2010) que define o gênero social. Assim, poderemos examinar detalhadamente algumas particularidades das noções de gênero. Logo após, faremos uma breve retomada ao latim para explicar o desaparecimento do gênero neutro na língua e como isso é retomado nas atuais discussões a respeito do gênero neutro no português brasileiro. Para tal, recorreremos a Assis (2014), Bagno (2007), Cardeira (2006), Camara Jr. (1959), Carvalho (2004) e Farias (1958). Dessa maneira, chegaremos ao *corpus* do trabalho, investigando algumas propostas do gênero neutro em debate no Brasil. A nossa análise se pauta nas concepções de gênero social, abordadas por Klage (2010), além das noções gramaticais expostas por Schwindt (2020), Rocha (1998), Botelho (2010) e Camara Jr. (1985). Assim, fundamentando a investigação das propostas apresentadas por Pri Bertucci, Ophelia Cassiano, Almeida (2020), Carvalho (2020) e Schwindt (2020).

2 CONCEITOS DE GÊNERO

Antes de falar em gênero como uma categoria gramatical, é necessário pontuar outras noções de gênero presentes no nosso cotidiano. Podemos dizer que uma das primeiras noções de gênero surgiu a partir de Aristóteles 300 a.C. e ele define gênero como categorias de seres que possuem atributos em comum, pertencentes a uma classe mais ampla que os abrangem. Além disso, Aristóteles tem estudos que também categoriza as variedades de texto literário a partir de gênero.

Assim como nos estudos de Aristóteles, na biologia, essa noção de gênero aparece em uma classificação ampla que possui subdivisões, chamadas de espécies. O termo ‘gênero’ nos estudos biológicos é utilizado para classificar os seres vivos que possuem traços morfológicos e funcionais semelhantes, por exemplo, a espécie *canis lupus*, a que pertence o lobo, é uma espécie do gênero *canis*.

De acordo com a lexicográfica Débora Ribeiro, a etimologia da palavra ‘gênero’ vem do latim (*genus, generu, genere*), que significa ‘nascimento’, ‘origem’ ou ‘tipo’. O termo também servia para definir as classificações das palavras em masculino, feminino e neutro.

A partir do século XV, a palavra passou a ser associada ao sexo biológico dos indivíduos. Dessa maneira, os termos ‘masculino’ e ‘feminino’ foram considerados especificações de gênero para definir os seres como ‘macho’ e ‘fêmea’. No século XVIII, devido aos avanços dos estudos da anatomia, as noções de distinção de sexo se intensificaram, afirmando que as diferenças entre homens e mulheres se dão a partir da natureza biológica. Segundo Costa (1995), os cientistas e intelectuais da época acreditavam que a diferença entre os sexos masculino e feminino estava relacionada ao prazer sexual, estrutura nervosa e óssea do corpo humano. Por exemplo, as mulheres por possuírem um crânio menor e a bacia pélvica maior e mais alargada em relação aos homens, determinava que as mulheres eram intelectualmente inferiores e destinadas anatomicamente à maternidade.

Porém, atualmente os estudos das ciências sociais tentam desmistificar essa concepção de gênero. De acordo com Klages (2010) o gênero não é inato ou algo biologicamente determinado, e sim uma construção social, pautada em aspectos socioculturais. Essa perspectiva estabelece uma distinção entre os campos biológicos e sociais, no que se refere ao gênero. Dessa maneira, a noção de gênero nas ciências sociais está ligada diretamente ao papel social do indivíduo, se desvinculando da anatomia de seus corpos. Esses estudos também afirmam que o conceito de gênero está ligado a questões culturais, ou seja, as maneiras de ser homem e de ser mulher são instituídas pela cultura, isto é, as diferenças entre o masculino e feminino são construções socialmente impostas.

Na literatura, o gênero é uma classificação de variedade de obras literárias que se expressam de maneiras específicas, cada uma com suas particularidades de estrutura, conteúdo e estilo, são: o lírico, o épico (narrativo) e o dramático, teorizados por Aristóteles. Estes gêneros literários estão inclusos no que Bakhtin chama de gêneros discursivos. Para este estudioso, toda forma de comunicação com funções/procedimentos recorrentes de linguagem (assunto, estrutura, estilo), seja ela escrita ou falada, é um gênero discursivo. Segundo ele,

[...] O intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. Esse tipo de gênero existe sobretudo nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana (inclusive em suas áreas familiares e íntimas). (BAKHTIN, 1997, p.302, parênteses do autor).

Desse modo, Bakhtin amplia a concepção de gênero, referindo-se também às diferentes categorias de texto que usamos em situações cotidianas de comunicação. Os jornais, livros, panfletos, e-mails, diários e receitas podem ser exemplos de gêneros textuais que são utilizados no nosso dia a dia.

Para a nossa análise, neste trabalho, é interessante abordar as noções de gênero gramatical, que neste caso, estão associadas às questões sociais. Levando em consideração que o nosso objeto de pesquisa parte de grandes discussões sociais, como indivíduos que não se sentem representados por uma forma binária de gênero na sociedade, iremos nos deter às formas de linguagem que estão sendo sugeridas para a resolução dessa questão. Portanto, é importante conhecer as noções de gênero em voga na sociedade e acompanhar as transformações que se podem refletir na nossa língua, como é o caso do gênero neutro.

A gramática da língua portuguesa tem classificações de vocábulos que contribuem para a organização estrutural da língua, além de facilitar sua análise. Dentre essas classes temos algumas que são suscetíveis às flexões de gênero e número, a exemplo dos substantivos e adjetivos, que são distintos em termos funcionais, porém semelhantes no sentido flexional.

De acordo com Rocha (1998), o gênero gramatical é o que condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina, sendo caracterizado através das flexões assinaladas pelo morfema /-a/ para a marca do feminino e do morfema Ø² (não marcado) no masculino. A flexão de gênero acontece através da aplicação do morfema flexional, ou desinência -a (átomo final) à forma masculina. Isso ocorre quando o vocábulo masculino é atemático (*professor*; *professora*). No entanto, quando a forma masculina termina em uma vogal temática, o sufixo flexional -a irá substituir essa vogal (*mestre*; *mestra*). De acordo com Botelho (2010), a marca *o* do masculino não é privativa de oposição da marca feminina *a*, por exemplo. Ele reitera que o mecanismo de formação do feminino não é único, nem geral (ao lado do par “lobo/loba”, há os pares “mestre/mestra” e “autor/autora”, além de processos

² Segundo Rocha (1998), o masculino e o singular no português brasileiro caracterizam-se pela ausência das marcas do feminino e plural, simbolizados pelo morfema Ø. O autor deixa claro que existem outras perspectivas de marcação do gênero masculino, que admite a oposição o/a, como em *gato*; *gata*, em que o ‘-o’ não seria vogal temática, mas sim desinência de gênero. Porém optou por seguir a linha de raciocínio de Mattoso Camara Jr. devido a questões de economia e simplificação da análise linguística.

de formação). Identificar o gênero gramatical de um substantivo apenas através de sua terminação não se mostra eficiente quando citamos casos de substantivos comuns de dois gêneros (*o/a artista; o/a cliente*), que são determinados pelo artigo, além de serem definidos pelo contexto linguístico. As flexões, neste caso, são marcadas por artigos, considerados por Rocha (1998) como traço acessório. O autor afirma que essa flexão acessória é um tópico confuso na nossa gramática. Isso se dá pelo motivo da dificuldade em compreender a distinção entre gênero e sexo e pela ausência de distinção entre processo flexional e processos lexicais (*gato e gata; jarro e jarra*).

A noção de artigo como fator de distinção de gênero gramatical não é unânime. O gramático grego Apolônio Díscolo já discutia a respeito do artigo na língua grega. Para ele, a distinção de gênero gramatical pode ocorrer sem a necessidade de um artigo, apenas com o que ele chama de “relação”³. Ele também explica que o uso do artigo para definir o gênero de uma palavra pode ser redundante, como em “palavras de gênero evidente, e este só se colocaria antes dos nomes de gênero duvidoso, como *theós*, ‘*deus*’ ou ‘*deusa*’.” (Da sintaxe I, 38 *apud* NEVES, 1993, p. 73).

Segundo Rocha (1998), como vimos acima, o gênero gramatical também pode ser definido através de elementos sintáticos na construção de uma sentença. No entanto uma perspectiva diferente é a de que substantivo pode assumir uma posição que condiciona o gênero de outros elementos do sintagma, o gênero deste substantivo, segundo Perini (2016), é considerado inerente devido ao item lexical marcado, ou seja, possui potencial referencial, tem gênero inerente, masculino ou feminino. Dessa forma, as demais palavras usadas qualificativamente na sentença devem concordar com o núcleo (nominal com gênero inerente), que Perini (2016) afirma ser o gênero governado. Por exemplo, na frase “meu sapato novo é azul” o substantivo núcleo ‘sapato’ é masculino, ou seja, inerente. Neste caso, os demais elementos sintáticos que não possuem referencial de gênero (não possuem item lexical marcado) são considerados como gêneros governados. Os gêneros governados devem concordar com seu referencial. No caso do exemplo citado, ‘meu’, ‘novo’ e ‘azul’ são masculinos.

³ Equivalente à construção sintática.

2.1 Distinção gramatical entre gênero e sexo

É comum associarmos o gênero diretamente ao sexo dos seres animados. No entanto, o gênero na língua portuguesa abrange todos os nomes substantivos, sejam eles denotativos de entidades animadas providas de sexo ou seres inanimados claramente desprovidos de sexo, como porta, mesa, cadeira, telefone, abajur, que, dependendo do gênero poderá ser precedido pelo artigo *a* ou *o*.

O conceito de sexo não está necessariamente relacionado ao de gênero gramatical, mesmo em substantivos que se referem a animais e pessoas. O gênero aqui, possui uma discrepância entre o sexo do ser denotado. Por exemplo, a palavra ‘vítima’ sempre será feminina independente do sexo da pessoa mencionada, assim como a palavra ‘cônjuge’ que sempre será masculina.

Segundo Rocha (1998), o gênero gramatical, que pode gerar confusão entre os falantes, se dá pela ausência de distinção entre o processo flexional e processo lexical. Frequentemente ouvimos que ‘mulher’ é o feminino de ‘homem’, ou ‘vaca’ é feminino de ‘boi’. No entanto, o estudioso afirma que “[...] trata-se de casos de heteronomia dos radicais, isto é, de vocábulos lexicalmente distintos, que, tradicionalmente, têm sido utilizados para indicar a categoria do gênero.” (ROCHA, 1998, p.42). Dessa forma, ‘mulher’ é feminino por causa do artigo *a* que precede o substantivo, e não por ser do sexo feminino.

Outro caso que podemos citar a respeito da importância do artigo para a definição do gênero gramatical é em relação a certos animais, como ‘onça’ ou ‘jacaré’. O gênero de ambos os substantivos é designado através do artigo *a* e *o*, e o sexo dos animais pode ser definido por acréscimo das palavras ‘macho’ e ‘fêmea’ depois do substantivo que denota o animal cujo sexo se quer identificar. No entanto, o acréscimo dessas palavras não vai mudar o gênero de ‘cobra’ e ‘tigre’, pois o que define isso é o artigo (*a onça macho; o jacaré fêmea*);. De acordo com Rocha (1998), é indispensável fazer uma delimitação entre o plano gramatical e lexical, já que a gramática trata dos fatos gerais e o léxico dos fatos especiais. O autor sugere que o dicionário deve abordar essas delimitações, registrando ocorrências de gênero não explicáveis pelos padrões gerais da gramática.

2.2 Gênero neutro gramatical

No ponto de vista morfológico, o português brasileiro não possui marcas previstas de um gênero neutro. Com isso, alguns grupos de falantes da nossa língua que não se sentem representados pelas formas de gênero disponíveis no português começaram a questionar a respeito da variação binária de gênero gramatical. Para isso, surgiu a proposta de utilizar símbolos como ‘@’ e ‘x’ e o uso do *e* no final de substantivos, adjetivos, artigos, pronomes que são marcados gramaticalmente (*bonit@*, *bonitx* e *bonite*).

As sugestões ‘@’ e ‘x’ parecem ser funcionais apenas a escrita, já que não existem formas fonológicas para representar o ‘@’ (apesar de parecer com o *a*). Além disso, tais propostas não atendem aos leitores com deficiência visual, pois os mecanismos de leitura automática não conseguem processar foneticamente tais símbolos quando usado como parte de palavras. Para explicar a influência da mudança ortográfica na mudança oral, o professor Luiz Carlos Schwindt afirma que:

Não se pode ignorar que o sistema alfabético, embora seja em muitos aspectos independente da língua oral, tem sua base tanto filogenética quanto ontogenética na oralidade. Dada a natureza dinâmica da fala em contraste com a estaticidade da escrita, o resultado é um sistema com correspondências imperfeitas. A maior parte das imperfeições provém de estipulações, determinadas muitas vezes por mera herança histórica, regimentadas por acordos ortográficos e vocabulários oficiais, por conveniências muitas vezes extralinguísticas. Determinar que letras não correspondem a sons numa língua, portanto, é, em minha compreensão, contraintuitivo do ponto de vista científico. Seria como propor às avessas a convenção que tirou o trema das sequências *gu/qu* pronunciadas em *linguiça*, mas não em *enguiça*. (SCHWINDT, 2020, p.16)

De acordo com o autor, existem imperfeições no que se refere à língua escrita e falada, ou seja, nem sempre os elementos ortográficos correspondem a forma que falamos. O exemplo da exclusão do trema na gramática do português brasileiro pode reafirmar o que Schwindt cita, pois mesmo sem a presença do trema nos segmentos morfológicos previstos anteriormente (*gue/gui*; *que/qui*), a nossa pronúncia, nestes casos, continua a mesma.

Diante disso, podemos citar outra opção de marcador neutro que se adequa aos padrões fonológicos e morfológicos da nossa língua. O uso do *-e* no final das palavras

marcadas pelo feminino e masculino (*a/o*) é uma opção de neutralizar a binaridade do gênero no português brasileiro (*linda, lindo, linde*). Porém, o uso desse possível marcador pode gerar confusão em certas ocasiões. Alguns substantivos comuns de dois gêneros terminados em *-e* como *cliente, gerente, presidente, parente*, por exemplo, são exceções da adequação do marcador neutro *-e*, forçando assim, a busca de novas formas de neutralização desses termos. Por essa perspectiva, tais palavras já estariam na forma neutra de gênero, com exceção de *presidente* e *parente*, pois há uma forma prevista de flexão sufixal (*presidenta; parenta*).

Em caso de substantivos comuns de dois gêneros, ativistas afirmam que o uso da marcação do gênero feminino é considerado indispensável para a discussão sobre a construção de identidade de gênero na sociedade e como isso pode se refletir na nossa língua. No entanto, para Schwindt (2020), o uso marcado do gênero feminino nesses casos pode reforçar um contraste binário e privativo de gênero do português. Ele ainda afirma que há diferentes graus de estranheza para falantes nativos em relação a termos como *presidenta, estudante, contribuinta*. Isso se dá pela “(...) natureza híbrida do sufixo *-nte*, resquício do particípio presente latino que sobrevive no português como morfema derivacional responsável por formar nomes a partir de verbos.” (SCHWINDT, 2020, p. 14). Para o autor, no português brasileiro, palavras com o sufixo *-nte*

[...] possuem diferentes graus de autonomia em relação aos verbos de que derivam, uma espécie de memória não assimilada plenamente pela categorização de que dispomos sincronicamente, que acaba por justificar uma interpretação fluida da relação flexão/derivação. (SCHWINDT, 2020, p, 14).

No caso de *presidenta*, existe uma rápida assimilação do sistema linguístico por causa da substituição da vogal temática e pela desinência do gênero feminino *a*, dessa forma, não ferindo a estrutura morfológica da língua portuguesa. As formas não sufixadas como *estudenta* e *contribuinta* também aparentam adaptar-se naturalmente a nossa língua. Schwindt (2020) também chama atenção para as questões ideológicas estruturais que podem estar relacionadas ao uso predominante do sufixo *-nte* como masculino porque, mesmo *-nte* não tendo uma marcação de gênero, as atividades a ele relacionadas até pouco tempo eram exercidas predominantemente por homens.

2.3 O uso genérico do gênero masculino

Ao contrário do que muitos pensam, existem sim formas que são consideradas neutras na língua portuguesa. O possível gênero não marcado se dá através do uso genérico do gênero masculino, que abrange formas femininas e masculinas (*eles, todos, os* etc.). Considerado como ‘falso neutro’, o uso do masculino genérico está sendo discutido por especialistas e pessoas que não se identificam com essa forma de neutralização do gênero, pois acreditam que por uma hierarquização de gêneros na sociedade, acaba excluindo certos grupos como as mulheres. As críticas também se estendem para a formação da língua portuguesa, que questionam as designações de gênero no latim, nas quais havia um gênero neutro marcado.

Como propostas de intervenção do uso genérico do gênero masculino, tem-se utilizado desinências/flexões femininas em palavras que não possuem gênero marcado, com a tentativa de desvincular da noção hierárquica e da dominação masculina na sociedade, como no caso de *presidenta*. Outra forma de intervir no uso do masculino genérico é inserir simultaneamente termos no feminino e no masculino numa sentença, substituindo o genérico masculino. Exemplo: “Bom dia a todas e a todos!”; “Sejam bem-vindas e bem-vindos!”; “caras alunas e caros alunos”. Vale ressaltar que a ordem das formas femininas, neste caso, é colocada antes das formas masculinas propositalmente, pois pode ser uma maneira de incluir as mulheres ou reafirmar o discurso que defende a luta das causas feministas, por exemplo. No entanto, essa sugestão é questionada por pesquisadores, pois a construção da sentença possui algumas limitações pragmáticas, como a economia de palavras. Podemos dizer que o uso do falso neutro tem como uma das intenções economizar a utilização de palavras em certas ocasiões, como em ‘bom dia a todos’, pois não precisa, necessariamente, adicionar outros elementos gramaticais para a realização da expressão.

Podemos citar outro tipo de linguagem inclusiva, segundo Falter (2021), que é utilizar termos que expressem a coletividade, por exemplo usar ‘a juventude’ ao invés de ‘os jovens’, ‘pessoas beneficiárias’ ao invés de ‘beneficiários’, ‘diretoria’ ao invés de ‘os diretores’, etc. Tais formas têm como objetivo não definir os gêneros dos indivíduos, evitando o uso do masculino genérico.

Essas formas de neutralização da língua portuguesa são cotidianas e podem ser utilizadas casualmente sem causar grandes estranhamentos. Sendo assim, concordando com o que Schwindt diz: “Tais empregos se classificam melhor, eu diria, como *uso neutro de gênero* do que exatamente como *uso de gênero neutro*.” (SCHWINDT, 2020, p.19), ou seja, essas tentativas de neutralizar o gênero não são equivalentes às propostas de gênero neutro, que possuem uso mais restrito e utilizam formas fonologicamente que não são previstas no português brasileiro.

3 GÊNERO NEUTRO: DO LATIM PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

A língua portuguesa passou por diversos processos de mudança desde sua formação, que são até hoje, discutidos e analisados por especialistas. Podemos considerar que a ausência do gênero neutro gramatical é uma das principais mudanças morfológicas na transição do latim para o português brasileiro. Dessa forma, o ponto de partida neste tópico é investigar como o gênero neutro sumiu do latim clássico e analisar alguns resquícios do gênero neutro latino no português brasileiro.

O latim, idioma que deu origem ao português, surgiu na antiga região do Lácio⁴, localizada no centro da Itália, e se espalhou de acordo com a dominação do Império Romano. Conforme a popularidade e expansão geográfica da língua latina crescia, surgiam variedades de usos que se distinguiam da modalidade literária. Havia, portanto, uma língua que era considerada mais erudita que priorizava a escrita culta e polida, geralmente praticada por intelectuais, o latim clássico. Em contrapartida, o latim vulgar se desprendia das regras gramaticais da língua, dando prioridade à oralidade e comunicação diária entre a população. Devido à grande variedade de povos de diferentes culturas, países e classes sociais que falavam o latim ou tinham contato com nativos da língua, ocorreu que o latim se fracionou em diferentes dialetos, resultando no nascimento de outras línguas, como o português.

As diferenças entre o latim clássico e vulgar, além de serem extralinguísticas, são também fonológicas e morfossintáticas. De acordo com Assis (2014), o uso de vocábulos mais populares e afetivos com sufixos diminutivos era predominante entre os falantes do

⁴ Considerada a capital do Império Romano, foi a região onde nasceu a cidade de Roma, capital da Itália.

latim vulgar. O uso frequente de diminutivo no latim vulgar, segundo Cardeira (2006), se dá através da necessidade de expressão, de clareza e de regularização. Ou seja, por necessidades interacionais, o latim vulgar torna-se mais claro e mais regular. De acordo com Cardeira (2006) as formas irregulares são substituídas por formas mais regulares ou por palavras mais próximas da vida cotidiana. Por exemplo, *caballus* (cavalo de lavoura) substitui *equus* (cavalo de montar). Além disso, Cardeira explica que o uso do diminutivo no latim vulgar reforçava curtos segmentos fônicos, e também a integração nas classes temáticas regulares de tema em *-a* (feminino) e *-o* (masculino), como no caso de *auricula* (diminutivo de *auris*) que originou a palavra *orelha* em português.

No que se refere a diferenças na fonética da língua latina, Assis (2014) afirma que há uma forte tendência a evitar palavras proparoxítonas no latim vulgar:

Tabela 1 - Palavras que deixaram de ser proparoxítonas no latim vulgar

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
<i>alacrem</i>	<i>alacrem</i>	<i>alegre</i>
<i>cathedram</i>	<i>cathedram</i>	<i>cadeira</i>
<i>ponere</i>	<i>ponere</i>	<i>pôr</i>
<i>conducere</i>	<i>conducere</i>	<i>conduzir</i>

Fonte: Assis (2014, p. 17)

No que diz respeito a mudanças morfossintáticas, segundo Assis (2014), o latim clássico não possuía artigos, enquanto no latim vulgar era utilizado pronomes demonstrativos e o numeral *unus* com o valor de determinativo. No latim clássico, por exemplo, temos *liber*, já no latim vulgar temos *illu libru* ou *unu libru* e no português temos *o livro* ou *um livro*.

Além disso, o latim clássico possuía um vasto sistema de flexões, contendo cinco declinações e seis casos (Nominativo: sujeito e nome predicativo; Vocativo: chamamento; Genitivo: adjetivo restritivo; Acusativo: objeto direto; Dativo: objeto indireto; Ablativo: complemento circunstancial e agente da passiva), que acabou se reduzindo a três declinações

no latim vulgar. A seguir, temos uma imagem da tabela resumida dos casos (incluindo o Locativo⁵) e das declinações do latim.

Tabela 2 - Resumo das declinações latinas

Casos	1ª Fem.*		2ª Masc. y Neutros						3ª Masc., Fem y Neutros						4ª Masc.* y Neutros				5ª Fem.*	
	Sing.	Plur.	Sing.			Plur.			Sing.		Plur.				Sing.		Plur.		Sing.	Plur.
			M / F	M / F	N	M / F	N	M / F	N	M / F	N	M / F	N	M / F	N	M / F				
N.	-a	-ae	-us, -er, -ir	-um	-i	-a	-s, - ¹	-is ²	- ³ , -e ⁴	-es	-a, -ia ⁵	-us	-u	-us	-ua	-es	-es			
V.	-a	-ae	-e, -er, -ir	-um	-i	-a														
Ac.	-am	-as	-um	-os	-a		-em(-im)	- ³ , -e ⁴	-es	-a, -ia ⁵	-um	-u	-us	-ua	-em	-es				
G.	-ae	-arum	-i	-orum			-is		-um, -ium	-us	-uum	-ei	-erum							
D.	-ae	-is	-o	-is			-i		-ibus	-ui	-ibus	-ei	-ebus							
Abl.	-a	-is	-o	-is			-e, -i ⁴		-ibus	-u	-ibus	-e	-ebus							
Loc.	-ae	—	-i	—			-i		—	—	—	—	—							

Fonte: <http://ieshistoria2010.blogspot.com/2011/10/tabela-resumen-de-las-declinaciones.html>

Algumas palavras no latim clássico poderiam ser classificadas tanto por uma quanto por outra declinação. Como, por exemplo, *cantus* que é da 4ª declinação, pode ser declinada por *cantis*, que é da 2ª declinação. Com isso, houve uma tendência a confundir as declinações de certas palavras, o que resultou na perda de duas declinações no latim vulgar. As 4ª e 5ª declinações desapareceram no léxico vulgar do latim, e foram incorporadas às três primeiras. De acordo com Carvalho (2004)

[...] Os nomes da 5ª, quase todos femininos, foram incorporados à 1ª, e os da 4ª passaram à 2ª (esta também recebeu alguns neutros da 3ª: *corpus, oris, pectus, oris, tempus, oris* > *corpus, i, pectus, i, tempus, i*). Uns poucos nomes da 5ª, como *plebes, ei*, passaram à 3ª do LV: *plebs, is* (esta duplicidade já havia no LC). (CARVALHO, 2004, itálicos e parênteses do autor)

⁵ Servia para indicar tempo ou lugar em um contexto específico. Fazia parte do latim antigo e deixou de ser usado por ter muitas características parecidas com outros casos.

Outro motivo da redução das declinações no latim vulgar foi a utilização de formas analíticas na formação de graus em adjetivos, por exemplo, a adição de advérbios como *magis* e *plus* antepostos ao adjetivo.

Tabela 3 - Formas analíticas ou compostas do latim vulgar

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
<i>Dulcior</i>	<i>magis (plus) dulce</i>	<i>mais doce</i>
<i>dulcissimus</i>	<i>multu dulce</i>	<i>muito doce (dulcíssimo)</i>

Fonte: Assis (2014, p. 19)

Diante disso, os casos no latim vulgar foram reduzidos a apenas dois, o nominativo e o acusativo, que se tornaram herança na nossa língua portuguesa. De acordo com Bagno (2007)

Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o **caso lexicogênico**, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas. Observe-se, por exemplo, que a palavra *verdade* não poderia proceder do nominativo latino *veritas*, mas sim do acusativo *veritatem*. Cedo, no latim vulgar, a desinência *-m*, característica do acusativo, se perdeu, de modo que o étimo de *verdade* é a forma *veritate*. Com a síncope da vogal pretônica /i/ e a sonorização regular das surdas intervocálicas (/t/ > /d/), temos *verdade* em português. Portanto, na reconstrução do étimo de uma palavra da língua portuguesa, é necessário recorrer à forma da palavra latina original no caso acusativo, de modo que para *livro* devemos recorrer a *libru(m)* e não a *liber*; para *homem*, devemos recorrer a *homine(m)* e não a *homo*. (BAGNO, 2007, p. 29, itálicos, negrito e parênteses do autor).

Além de serem casos lexicogênicos, o nominativo e acusativo passaram a exercer a função de sujeito, de objeto verbal e de objeto preposicionado no português brasileiro. Segundo Bagno (2007) o nominativo deu origem a nomes próprios como ‘Deus’, ‘Cícero’,

‘César’, ‘Nero’, ‘Jupter’ etc., e também aos pronomes demonstrativos e pronomes pessoais do caso reto: este, esse, aquele; eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Com a redução dos casos, as declinações perderam o sentido, e acabaram desaparecendo na transição para as línguas românicas.

Os gêneros no latim também possuíam suas distinções entre os dois estratos da língua. No latim clássico havia três gêneros gramaticais, masculino, feminino e neutro, enquanto no latim vulgar existia apenas o masculino e feminino. Segundo Esperança Cardeira, o acusativo deu origem aos gêneros masculino e feminino do português brasileiro: “Uma vez reduzida a flexão a um só caso, o acusativo, a terminação -s do plural tornou-se marca de número e as terminações do singular -o e -a passaram a indicar o gênero masculino e feminino.” (CARDEIRA, 2006, p.24). A ausência dos casos e declinações contribuíram para o desuso do gênero neutro do latim clássico.

Geralmente, o gênero neutro gramatical no latim servia para se referir a seres inanimados, no entanto, esses seres poderiam pertencer ao gênero masculino ou ao feminino. Para entender mais detalhadamente como se dá esse processo, o professor Ernesto Faria explica que

[...] Muitos substantivos que designam objetos e seres inanimados pertencem ao gênero masculino ou feminino: *mensa* "mesa", *pirus* "pereira", *manus* "mão", *memoria* "memória", etc. são femininos; enquanto que *pes* "pé", *riuus* "regato", *ager* "campo", *mensis* "mês" etc. são masculinos. A forma da palavra também não é bastante para determinar o gênero gramatical de um vocábulo. *Lupus*, *pirus* e *uirus* "veneno", todos da mesma forma e pertencentes à mesma declinação, à segunda, são, entretanto, de gêneros diferentes: *lupus* é masculino, *pirus*, feminino, e *uirus*, neutro. O gênero gramatical é uma simples relação que une o substantivo ao adjetivo que a ele se refere, sendo, pois, a concordância *dêste* adjetivo que determina com precisão e clareza o gênero gramatical do substantivo. Assim, sabemos que os substantivos *lupus*, *pes*, *riuus*, *ager*, *mensis*, etc. são masculinos porque só podem vir acompanhados de uma forma masculina de adjetivo: *bonus lupus*, *bonus pes*, *bonus riuus*, *bonus ager*, *bonus mensis*; *pirus*, *mensa*, *manus*, *memoria* e mais *nurus* "nora" e *origo* "origem" são femininos porque só podem vir acompanhados de uma forma feminina de adjetivo: *bona pirus*, *bona mensa*, *bona manus*, *bona memoria*, *bona nurus*, *bona origo*. Assim, os substantivos *uirus*, *templum*, *bellum*, *calcar* são neutros porque só pode vir acompanhados de uma forma de neutra de adjetivo: *malum uirus*, *bonum templum*, *pessimum bellum*, *paruum calcar*. (FARIA, 1958, p. 57-58, itálicos e aspas do autor)

Segundo Faria (1958) o adjetivo é o que determina o gênero do substantivo, visto que

no latim não havia artigos. Seguindo essa compreensão, o gênero gramatical latino não tinha vínculo com o sexo biológico dos seres, portanto era arbitrário. Podemos relacionar esse fato com a noção que Mattoso Camara faz de gênero neutro no latim e no inglês.

[...] No neutro latino predomina a noção de “inanimado”, mas nele se inclui um nome para “escravo” – *mancipium*, por ser um homem reduzido a coisa, da mesma sorte que o neutro inglês, que parece obedecer a um conceito de “coisa”, em face de “pessoa” inclui os nomes para criança – *child*, *baby* etc., porque se trata de pessoas subordinadas aos adultos e, pois, “inferiores”, o que está de acordo com o critério que faz os nomes para “mulher” em gonde e outras línguas dravídicas da Índia serem enquadrados no gênero inferior, ou *classe baixa*. (CAMARA, 1959, p. 131-132, itálicos e aspas do autor).

Por essa perspectiva, o autor afirma que o gênero neutro gramatical do latim, como em outras línguas, por exemplo, está relacionado a questões sociais hierárquicas. Os seres animados, como homens e as mulheres, neste caso, podem ser denotadas por nomes neutros, ou seja, o que determina o gênero destes seres são suas posições sociais. Em razão disso, é possível perceber que, além de definir-se a seres inanimados, o gênero neutro também poderia ser usado para se referir a seres animados.

Além do conflito semântico, a confusão morfológica entre os nomes do gênero masculino e neutro foi um dos principais motivos do desaparecimento do gênero neutro no latim. Devido às terminações de alguns nomes do gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo, coincidirem com as terminações do neutro, era praticamente impossível distinguir de que gênero se tratavam os termos. Segundo Bagno (2007, p. 31),

[...] Os nomes que compunham a segunda declinação eram, em sua maioria, masculinos e neutros. Logo, a terminação em -o (acusativo singular -um > -u > -o) acabou por se tornar a característica dos nomes masculinos; os neutros, por sua vez, devido à semelhança de sua desinência com os nomes masculinos, também passaram a esse gênero, como em *templum* > *templu* > *templo*. Quando no plural, em razão da terminação -a, houve confusões com o gênero feminino. Portanto, as palavras neutras plurais do latim passaram a femininas singulares no Português, como em *ova* (neutro plural) – *ova* (feminino singular); *folia* (neutro plural) – *folha* (feminino singular); *lignea* (neutro plural) – *lenha* (feminino singular); (*apud* OLIVEIRA, 2015, p. 28, itálicos e parênteses do autor).

Como foi dito, o gênero masculino no latim acabou substituindo o neutro, da mesma maneira que alguns nomes do gênero neutro passaram para o feminino em português, principalmente palavras neutras plurais, cuja terminação coincidia com o feminino singular em latim (-a).

A nossa língua não possui uma categoria gramatical que inclui o gênero neutro. No entanto, podemos perceber alguns vestígios desses fenômenos no português brasileiro, como o caso do uso genérico do gênero masculino, utilizado muitas vezes como uma forma neutra para se referir a um termo ou expressão. Os pronomes demonstrativos e indefinidos (*isto, isso, aquilo*) por exemplo, são considerados neutros.

As discussões a respeito do gênero neutro latino voltaram à tona devido ao emprego de formas não marcadas de gênero em palavras gramaticalmente marcadas por um gênero. Além disso, alguns ativistas e linguistas retomam a questão de o gênero neutro gramatical estar relacionado ao masculino, assim como no latim. Para a linguista Vivian Cintra (2020) o uso ou a negação do masculino genérico pode ser político, dependendo do contexto e do objetivo do interlocutor. Em contraposto a essa percepção do uso genérico do masculino no português brasileiro, as professoras Corado e Nascimento acreditam que

[...] A afirmação de que a língua seria sexista por seu aspecto binário na designação de gêneros é fruto de desconhecimento do idioma, tal como o é a associação de qualquer terminação “a” a indicações de feminino e/ou de qualquer terminação “o” a designações de masculino. (CORADO e NASCIMENTO, 2021, aspas das autoras).

Para as autoras, a negação do uso genérico do masculino é uma postura determinada por razões ideológicas e não por limitações idiomáticas, ou seja, segundo as autoras, para haver uma mudança na marcação de gênero gramatical, neste caso, é necessário o conhecimento histórico da língua e a noção do papel do gênero masculino genérico, por exemplo. Segundo Corado e Nascimento (2021), existem algumas barreiras sociais e morfológicas para a inclusão de um gênero gramaticalmente neutro no português brasileiro, no entanto, há propostas de adaptação que podem contribuir para uma nova perspectiva de como é tratada a nossa língua.

4 ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE GÊNERO NEUTRO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Partindo do pressuposto de Cardeira (2006) de que a língua é um fator social e pode se adaptar de acordo com as mudanças da sociedade, as propostas atuais de uma alteração no sistema linguístico, como por exemplo a mudança do uso genérico do masculino, estão diretamente ligadas às questões sociais. Para analisar melhor tais questões, iremos recorrer, ao longo deste tópico, à noção de gênero abordada por Klages (2010), citada no tópico 2.1, que compreende o gênero como construção social. Para complementar a nossa análise, vamos recorrer às noções de Botelho (2010), Rocha (1997), citados no tópico 2, e Camara Jr. (1985). Também, iremos retomar as noções de Schwindt (2020) sobre gênero neutro, e acrescentar as propostas de Pri Bertucci⁶, Carvalho (2020), do site *mypronouns.org*⁷, do *Guia para 'Linguagem Neutra' (PT-BR)* feito por Ophelia Cassiano e de Almeida (2020).

Conforme explica Klages (2010), o gênero é algo designado, um constructo social, que muda de acordo com a sociedade. Partindo disso, e de que a língua é um reflexo da sociedade (Cardeira, 2006), iremos investigar as questões sociais que podem estar ligadas às alterações do gênero gramatical colocadas em pauta neste trabalho.

Existem grupos considerados à margem da sociedade que debatem maneiras de se sentirem representados através da língua. Como já foi falado anteriormente, o uso do masculino genérico, por exemplo, está sendo questionado e reformulado por parte de grupos que exigem inclusão social. Um dos motivos das críticas do uso do masculino genérico na nossa língua se dá pela possível noção de dominação social masculina na sociedade, como foi citado no tópico 2.3, além da disseminação da noção binária de que homens só podem se expressar no masculino, e mulheres, no feminino. É importante ressaltar que a concepção de gênero social colocada por Klages (2010) está relacionada às questões feministas.

⁶ Pri Bertucci, que se identifica como transgênero, pessoa não-binária e *gender queer*, começou no início de 2014, em conjunto com a linguista Andrea Zanella, uma busca pelo primeiro pronome neutro em português. Esta pesquisa nasceu da “própria necessidade de falar de si” a outras pessoas em língua portuguesa sem ter de usar os termos ingleses *they/them...*” Disponível em < <https://www.publico.pt/2021/10/08/p3/noticia/linguagem-inclusiva-parece-labirinto-dossier-guiarte-1979866?fbclid=IwAR2IZBEExFkcUSm5kWBwqH8Bf3MYrr8TdRykcAv3ESvbBuOtVVKikNQCPj8> > Acesso em 18 de out. de 2021.

⁷ O site foi escrito por Shinge Sakurai, que faz parte da comunidade acadêmica de sociologia dos EUA. A primeira publicação do site foi em 22 de janeiro de 2017.

No caso do gênero neutro gramatical, as principais discussões surgiram de pessoas que não se identificam com a binaridade de gênero, que sugerem novas maneiras de serem representadas gramaticalmente. As pessoas não-binárias se consideram fora do padrão de gênero social, isto é, os gêneros masculino e feminino não se aplicam à identidade desses indivíduos. Visto isso, não há formas na gramática normativa que podem ser usadas para se referir a essas pessoas, levando em conta que existem apenas dois tipos de gênero gramatical no português brasileiro. Dessa maneira, se viu necessário propor algumas formas de gênero neutro na nossa língua. Existe uma vasta lista de propostas de gênero neutro feita por membros da comunidade LGBTQIA+, contendo novas opções morfossintáticas. Além disso, ainda há algumas propostas de linguagem inclusiva que estão presentes na nossa língua, como foi posto no tópico 2.3, que sugerem outras formas de se referir a um grupo sem excluir outro.

Além do Brasil, a discussão sobre a inserção de um gênero neutro em formas gramaticalmente marcadas por um gênero, está sendo debatida em diversos países por especialistas e ativistas.

4.1 Pronomes Neutros em outras línguas

Em alguns países anglófonos, como o Reino Unido e os Estados Unidos, geralmente é utilizado os pronomes da terceira pessoa do plural (*they/them*) como formas neutras. De acordo com Carvalho (2020, p. 11), “a possibilidade do uso de uma forma pronominal plural permite leituras não individuadas em línguas que fazem distinção de gênero nessas circunstâncias”. Dessa maneira, os pronomes da terceira pessoa do plural abrangem tanto as formas binárias de gênero quanto a forma neutra. No entanto, essa sugestão pode gerar confusão se os falantes não especificarem que se trata de uma forma neutra. Para isso, foi criado uma forma neutra de pronome na terceira pessoa do singular, os pronomes ‘Ze’. Os pronomes *he/she*, *him/her* (*ele/ela*; *dele/dela*) foram alterados para *ze/hir* ou *ze/zir* como alternativa de desmarcar o gênero em seu referente. Por exemplo:

- a) Ze/hir example: “Ze is a writer and wrote that book herself. Those ideas are hers. I like both hir and hir ideas.”

- b) Ze/zir example: “Ze is a writer and wrote that book zirself. Those ideas are zirs. I like both zir and zir ideas.”⁸

Nos exemplos retirados do site *mypronouns.org*, temos “ze” como pronome pessoal do caso reto (*subject pronouns*) na forma neutra. No exemplo ‘a’ é utilizado *hir* para indicar as formas neutras dos pronomes pessoais do caso oblíquo (*object pronouns*). Os pronomes reflexivos (*reflexive pronouns*) *himself* e *herself* (*si mesma/si mesmo* ou *ele próprio/ela própria*) foram alterados para *hirsself*. A pronúncia de *hir* é a mesma de *here* (*aqui*), para evitar confusão entre os falantes, algumas pessoas preferem usar o *zir*, como no exemplo ‘b’, pois apresenta uma distinção consistente na sua pronúncia em relação à forma anterior. Existem outras variações (*zie*, *zey*, *zem*) caso as opções citadas dificultem o entendimento da pronúncia entre os falantes.

Além da língua inglesa, segundo Bäck, Lindqvist e Senden⁹ (2015 *apud* Carvalho, 2020, p. 11), essa tentativa de neutralização dos pronomes se repete em outras línguas como no sueco, na qual foi introduzido o pronome pessoal neutro *hen*¹⁰ no dicionário da Academia Sueca. Assim como na Suécia, na Finlândia, a inserção dicionarizada do pronome *hän*¹¹ na língua do país tem o objetivo de não definir uma binaridade de gênero ao indivíduo referente, dessa maneira, fazendo parte do grupo de línguas com pronomes de terceira pessoa sem gênero. (SENDÉN; BÄCK; LINDQVIST, 2015).

⁸ Disponível em < <https://www.mypronouns.org/ze-hir> > Acesso em 17 de out. de 2021.

⁹ BÄCK, Emma A.; LINDQVIST, Anna; GUSTAFSSON SENDEN, Marie. **Hen can do it: Effects of using a gender-neutral pronoun in a recruitment situation.** Trabalho apresentado no 8th Nordic Conferences on Language and Gender, Stockholm, p. 1-22, 2015.

¹⁰ “A palavra ‘*hen*’ foi criada nos anos 60, quando ‘*han*’ (*ele*) se tornou politicamente incorreta e o uso corrente da língua começou a tentar evitar o termo [...] Atualmente é utilizado para simplificar a estrutura das frases e para fazer referência a uma pessoa sem revelar seu gênero, seja porque é desconhecido, porque a pessoa é transgênero ou porque quem fala ou escreve considera supérfluo referir-se ao gênero.” Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/dicionario-sueco-incluiu-pronome-para-genero-neutro.html> > Acesso em 18 de out. de 2021

¹¹ “*Hän*, um pronome finlandês de gênero neutro que pode significar “*ele*”, “*ela*” ou qualquer outra pessoa, foi impresso pela primeira vez em um livro de gramática em 1543, gramática esta usada até hoje.” Disponível em < <https://finland.fi/pt/vida-amp-sociedade/propagando-a-igualdade-com-o-pronome-finlandes-han/> > Acesso em 18 de out. de 2021.

4.2 Propostas de Pronomes e Artigos Neutros no português brasileiro

No português brasileiro, a neutralização do gênero gramatical dos pronomes é uma discussão considerada recente e ainda não há previsão de uma possível efetivação legal como nos países citados anteriormente. Contudo, existem práticas discursivas em torno do tema que podem contribuir com alternativas para inserir um gênero neutro através dos pronomes. Para isso, foi criado o ‘Sistema Ile’, que consiste na busca de um pronome neutro no português brasileiro. O sistema criado por Pri Bertucci, juntamente com a linguista Andrea Zanella, ainda é uma opção considerada restrita e complexa. O processo de análise desse sistema se deu através da assimilação do pronome demonstrativo neutro latino *illud*, pois, segundo Pri Bertucci (2020), a letra *i* no início do pronome dá uma sensação de neutralidade, tanto morfológica quanto fonologicamente.

A proposta de Pri Bertucci baseia-se na inclusão de novos morfemas e alomorfes (variação de morfemas) de morfemas já existentes no sistema morfológico. Para melhor compreensão dessas alternativas, Schwindt (2020, p. 17) explica que o pronome de terceira pessoa, neste caso, propõe uma forma inovadora que se assemelha a formas já existentes na língua, *ela/ele*, o que sugere que se trata de alomorfia da raiz. Dessa forma, o *i* é implementado no lugar do *e*, dando origem ao *ile*, que, de acordo com Schwindt (2020), pode estar relacionado com o caso da alternância dos pronomes demonstrativos, como *isto/aquilo*, pois estes pronomes ilustram um caso particular de neutro semântico do português.

c) **Ile** vai à praia, depois volta para a casa **dile**.

No ‘Sistema Ile’, o acréscimo do morfema *-e* no final da estrutura morfológica se estende para outras formas pronominais. No caso dos pronomes possessivos, por exemplo, Schwindt (2020, p. 18) destaca a alomorfia que acontece na 1ª pessoa do singular feminino, ‘minha’, alterando o final da estrutura por *-e*, ‘minhe’. No caso da 2ª e 3ª pessoa, ‘tue’ e ‘sue’ (*tua, sua*), cria-se um hiato, que, prosperando, em decorrência da redução da átona final possivelmente se ditongaria na maioria dos dialetos: *t[uj]*, *s[uj]*. Em decorrência disso, existe a opção de utilizar apenas as raízes desses pronomes (*mi, tu, su*).

- d) Ele é **minhe** amigue.
- e) Ele é **tue** amigue?

Outra opção de alomorfia da raiz é utilizar a vogal *e* fechada. De acordo com Carvalho (2020, p. 12), a nova proposta, ‘êla’ (*[’ela]*), é a fusão fonética dos pronomes de terceira pessoa masculino (*ele* - *[’eli]*) e feminino (*ela* - *[’ela]*). Porém, o uso dessa forma só ocorre em casos específicos, majoritariamente para se referir à indivíduos transgêneros femininos e é utilizado na maioria das vezes por indivíduos masculinos cisgêneros heterossexuais.

- f) **Êla** gosta de dirigir o carro **dêla**.

Neste caso, a metafofia¹² da vogal do radical para desmarcar a binaridade do gênero pode não ser eficaz em algumas regiões do Brasil, como no Sul e em partes do Sudeste, que tendem a utilizar o *-e* fechado com frequência. Em razão disso, existe a opção de usar *-u* no final do pronome (*êlu, dêlu*), sem assumir o papel de oxítone. O uso do *e* fechado na raiz do pronome pode gerar associações à forma masculina (*[’ele]*), para isso existe a alternativa de usar ‘*dêlu*’. Essa escolha de adicionar o *-u* no final dos pronomes também se repete em outras formas pronominais (*elu, elus, delu, delus, nelu, nelus, aquelu, aquelus etc.*), formando um sistema conhecido por ‘Sistema Elu’.

- g) **Êlu** preparou a comida **dêlu** no microondas.
- h) Vou passear com **elu** na fazenda **dêlu**.

De acordo com Cassiano (2020) o ‘Sistema Elu’ é considerado mais prático por possuir essas variações de pronúncias, além de se adaptar com facilidade ao nosso sistema linguístico. O uso dos acentos, neste caso, serve para marcar a sílaba tônica e evitar confusões entre a comunicação dos falantes. Porém, se seguirmos essa lógica de tentar se desvincular de qualquer associação com a binaridade de gênero, a opção de usar o *u* como

¹² Fenômeno de alternância fonológica da vogal tônica e da vogal do radical de um substantivo. Geralmente ocorre no plural.

gênero marcador neutro pode gerar comparações com a desinência masculina *-o*, visto que foneticamente essas duas vogais podem ser realizadas da mesma forma [u].

No que se refere ao artigo gramatical neutro, a sugestão para os artigos definidos (*a, as; o, os*) é a substituição por *ê*, acompanhado do acento circunflexo apenas na forma singular. Além de ajudar na distinção fonológica entre a conjunção *e*, a aplicação do acento circunflexo contribui para marcar gramaticalmente a diferença entre a conjunção na escrita. A pronúncia do artigo neutro *ê* ([*ˈe*]) não deve ser confundida com a da conjunção *e* ([*i*]).

i) Vi o Carlos e a Ana discutindo. → Vi *ê* Carlos e *ê* Ana discutindo.

j) As meninas estão atrasadas. → Es meninos estão atrasades.¹³

Nos exemplos retirados do *Guia para 'Linguagem Neutra' (PT-BR)*, matéria de autoria de Ophelia Cassiano, podemos perceber a importância do uso do acento circunflexo no artigo, que se distingue da conjunção, tanto visualmente como sonoramente. Contudo, em algumas regiões do Brasil, essa sugestão de neutralização do artigo pode causar confusão devido a semelhança entre a pronúncia da conjunção *e* e da nova proposta de artigo neutro *ê*. Para isso, existe outra opção que pode evitar esse tipo de confusão. Segundo Schwindt (2020), há uma proposta de um artigo neutro a partir da criação de um novo morfema, *le*. A inserção da consoante lateral alveolar [l] antes do *e*, serviria para diferenciar essa forma da partícula ou conjunção aditiva.

k) **Le** Giulia e **le** Ana estão namorando.

l) Estou indo me encontrar com **le** Fernanda.

A criação desse novo morfema, de acordo com Schwindt (2020, p. 17), parece se basear na expressão dos pronomes oblíquos *lo/la*, ainda que essas formas, que só acontecem em contexto de ênclise, sejam produto histórico da fonotaxe entre marca de infinitivo, *-r*, com os pronomes *o/a* (ex. *encontrar + a = encontrá-la*).

¹³ Disponível em < <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b> > Acesso em 18 de out. de 2021.

Outro meio de evitar a binaridade do artigo é suprimi-lo. Em algumas regiões do nordeste é muito comum se referir a um indivíduo sem utilizar o artigo:

- m) Carlos foi na padaria.
- n) João subiu no pé de feijão.

No entanto, essa proposta poderia enfrentar alguns preconceitos sociais, se considerarmos que essa forma é restrita à uma das regiões estigmatizadas por estereótipos no Brasil.

Assim como os artigos definidos, também existem propostas de não marcar o gênero nos artigos indefinidos (*uma, um, uns, umas*). Neste caso, a sugestão segue as formas do Sistema Ile, proposta por Pri Bertucci, que insere o *-e* no final das estruturas morfológicas:

- o) Fui ao cinema com **ume** amigue.
- p) Joguei bola com **umes** amigues.

No caso das preposições com contração de artigo definido (*da, das; do, dos*), é sugerida a substituição do *a* e *o* por *e*. Vejamos:

- q) Este lápis é **de** Amanda.
- r) Vou para casa **des** amigues.

Nesta ocasião, é necessário que a pronúncia seja de acordo com o artigo neutro sugerido (*ê*), o que poderia gerar ambiguidade com a pronúncia do sotaque de outras regiões do Brasil, como no Sul, por exemplo. Presume-se que o uso do acento circunflexo foi descartado por haver semelhança com a forma do imperativo do verbo ‘dar’. Em algumas partes do Nordeste costuma-se utilizar essa forma para se referir às pessoas, porém com a pronúncia ‘di’.

Assim como nos casos anteriores, as preposições com contração de artigo indefinido (*num, nuns; numa, numas*), adiciona ou substitui o artigo por *e*.

- s) O policial bateu **nume** manifestante.
- t) Respingou água **numes** pessoas.

Em resumo, as alternativas de uso neutro dos artigos são pontualmente marcadas pelo acento circunflexo (no caso do artigo definido), podendo se restringir apenas para o uso na escrita, já que na fala pode gerar alguns conflitos com a pronúncia da conjunção *e*. A proposta citada por Schwindt (2020) de um novo morfema (*le*) como artigo definido neutro, pode não ser eficaz no uso cotidiano, por se tratar de uma nova sequência morfológica e fonológica para definir um substantivo. O emprego do artigo neutro é evitado por razão dessas complexidades, mas talvez com a prática diária, essa proposta se aperfeiçoe e seja adaptada e naturalizada pelos falantes da nossa língua.

Já as propostas de Pri Bertucci, a respeito do pronome neutro no português brasileiro, possuem alternativas que modificam tanto o radical como o morfema marcador de gênero. Por apresentar alomorfia no radical de alguns pronomes, o Sistema *Ile* possui uma forma mais restrita e destoante da forma padrão, podendo resultar no estranhamento entre os falantes. Porém, este sistema cumpre com o papel de não possuir nenhuma marca que remete à binaridade de gênero. Além de aparentemente exercer a função de neutralidade, o Sistema *Elu*, apresentado por Ophelia Cassiano, parece ser mais eficiente no uso cotidiano, por manter similaridades, tanto gramaticalmente como oralmente, entre a forma padrão dos pronomes existentes na língua portuguesa (*ele, ela, elu*), sem precisar alterar o radical do pronome. Contudo, como citado anteriormente, por haver semelhanças fonéticas com a desinência masculina *-o*, a alternativa de utilizar o *-u* como gênero neutro pode gerar uma contradição nos argumentos de não se associar a nenhuma forma binária de gênero.

Vale salientar que, os pronomes e os artigos estão inseridos nas classes fechadas de palavras, ou seja, possuem um dinamismo restrito e limitado, fazendo com que não haja muitas alterações nas estruturas morfológicas e seja comum o surgimento de novos itens. Sendo assim, as alternativas conscientes de neutralizar o gênero de um pronome ou artigo requerem muita pesquisa e o mais importante, tempo.

4.3 Propostas de Substantivos e Adjetivos Neutros no português brasileiro

A discussão a respeito da variação de gênero gramatical dos substantivos é considerada pelos linguistas citados neste trabalho como umas das principais pautas atuais na língua portuguesa. Conforme explica Mattoso Camara Jr., a flexão de gênero dos substantivos a partir de sua desinência pode ter contribuído para a noção de que apenas as terminações dos substantivos são determinantes para definir o gênero gramatical do nome. Ou seja, palavras terminadas em *-o* são masculinas ou palavras terminadas em *-a* são femininas. Porém, a complexidade desses casos é maior do que parece, “[...] a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português” (CAMARA JR., 1985, p. 87). Algumas das nossas gramáticas, além de confundir as noções de sexo e de gênero, como expõe Rocha (1998), citado no tópico 2.1, concebem uma oposição equipolente na flexão de gênero. Também vimos que, segundo Botelho (2010), o artigo, nos casos de substantivos comuns de dois gêneros, é determinante para definir o gênero da palavra, além de os substantivos poderem ser marcados de acordo com o contexto linguístico.

Para pensar em propostas de gênero neutro, essas noções podem ser levadas em consideração. É necessário observar que nem todas as palavras sofrem alterações de flexão de gênero, por exemplo.

No caso dos substantivos, apenas um número minoritário se sujeita a um processo (...) que é assistemático e fortuito, pois somente aqueles que se referem a determinados seres animados, com os quais se pode fazer uma relação entre sexo e gênero, podem receber o acréscimo de um elemento mórfico... (BOTELHO, 2010, p. 15).

Seguindo esse raciocínio, diferente do latim, em que o gênero neutro servia, *a priori*, para se referir apenas a seres inanimados, as propostas de gênero neutro no português brasileiro se aplicam exclusivamente para se referir a seres animados, em específico, seres

humanos, porém, com exceção de alguns substantivos adjetivados (*Aquelu menine é ume gate*¹⁴).

As alternativas de não marcar um gênero nos substantivos devem ser elaboradas considerando as complexidades das flexões ou formações nominais, além de foco também nas questões fonéticas resultantes do uso oral. Por essa razão, as sugestões com símbolos @ e x, como vimos no tópico 2.2, para marcar o neutro numa palavra foram desconsideradas por proponentes atuais. Pensando nisso, surgiram opções que marcam o gênero neutro sem grandes alterações fonéticas, de acordo com o que é previsto na nossa língua. Dessa maneira, recorreremos a algumas propostas apresentadas por Almeida (2020), que consistem em substituir a desinência do substantivo masculino ou feminino por *-e*.

- s) Ile é minhe **filhe**.
- t) Eu sou **namorade** delu.

Tais alternativas buscam se adequar ao nosso sistema linguístico de acordo com as normas de representação ortográfica. Por exemplo, a terminação para a palavra neutra nas sequências femininas ou masculinas *-ga/-go*, substitui-se *-a/-o* por *-ue* e no caso das sequências *-ca/-co* troca-se o *c* intervocálico por *q*, neste último caso, fazendo com que não haja grandes modificações no sistema fonético.

- u) Elu é minhe **piscólogue**.
- v) Vou ser **técnique** de informática.

Outro exemplo que podemos citar são os casos de palavras que terminam em *-ão/-ã*. Para se assemelhar com a sequência fonológica padrão, a proposta de gênero neutro se dá na substituição do *ão/ã* por *ane(s)*. Já em caso de aumentativo, substitui o *-ão* por *one(s)*.

- w) Vou sair com minhe **irmane**.
- x) Sue filhe está **gradone**.

¹⁴ Sugestão de acordo com a proposta dos sistemas Ile e Elu.

É importante perceber que tais formas retomam os traços etimológicos do latim, no que se refere a formação do ditongo *-ão*. De acordo com Coutinho¹⁵ (1970, p. 110 *apud* Silva, 2010, p. 69) “o ditongo [-]ão tão frequente em nossa língua, representa modernamente as formas do português arcaico [-]ão , *-am* , *-om*, correspondentes ao latim [-]anu, *ane*, *-one*, *-ine* , *-unt*, *-um* , *-on*, *-ant*, *-a(d)unt*”. No português arcaico, o *-am* e *-om* passaram por um processo de ditongação, já que a pronúncia, no caso de *-am*, era [ãw]. A presença da consoante oclusiva [m] no final da palavra contribuiu para a formação do *-ão* no nosso português. Aliás, hoje em dia é muito comum encontrarmos erros relacionados às palavras terminadas em *-ão/-am*.

Em casos específicos, como no plural de substantivos terminados em *-r/-ar*, a alternativa de não definir gênero gramatical resulta na substituição do *-res* por *-ries* e *-re* no singular.

- y) Em breve serei **administradore** desse grupo.
- z) Já marquei a reunião des **professories**.

A forma singular do substantivo neutro é sinalizada pelo *-re*, o que parece ser condizente com as propostas anteriores de gênero neutro, pretendendo se adaptar ao que temos na gramática normativa. Já no plural do substantivo neutro, no exemplo ‘z’, podemos observar uma forma pouco provável no nosso sistema linguístico, devido a inserção do *-i* como vogal de ligação para representar o plural do substantivo. Em vista disso, Schwind (2020) explica que o segmento *-ries* pode não ser eficaz para neutralizar esses casos de substantivo no plural, pois, assim como nas palavras ‘cárie’, ‘barbárie’, ‘superfície’, etc., na fala existe uma redução ou monotongação, fazendo com que a palavra se realize da mesma forma do masculino (*professor[i]s*). Talvez, para marcar a neutralidade do substantivo, a sugestão seria destacar o hiato por um acento circunflexo (*professori-ê*s), assim, a pronúncia se distinguiria das demais formas binárias do substantivo no plural. Porém, essa alternativa que utiliza o acento circunflexo nas terminações pode gerar discussão a respeito de conflitos

¹⁵ COUTINHO, Ismael Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

com as formas dos substantivos terminados em *-ês/-esa*. Contudo, Almeida (2020) expõe alternativas de marcar o gênero neutro nesses casos também. A proposta se dá na substituição de *-ês/-esa* por *-esu* ou *-ese*.

aa) Eu já fui **camponesu**.

bb) Elu é ume **japonese** linde.

No exemplo ‘aa’, como citado anteriormente, a utilização do *-u* como marcador do gênero neutro pode não exercer a função neutra, se levarmos em consideração o objetivo de desvincular-se totalmente dos traços que podem remeter a um gênero binário, que nesse caso possui semelhanças fonológicas com a vogal *o*. Já no exemplo ‘bb’, o substantivo ‘japonês’ ganha uma forma neutra que parece ser eficaz por não manter similaridades com as formas masculinas e femininas da palavra. Podemos perceber também que o gênero do adjetivo está concordando com o substantivo.

Como vimos no tópico 3, Farias (1958) cita que o gênero gramatical é uma simples relação que une o substantivo ao adjetivo que a ele se refere, sendo, pois, a concordância desse adjetivo que determina com precisão e clareza o gênero gramatical do substantivo. Dessa maneira, as regras de neutralidade de gênero para o adjetivo seguem de acordo com o substantivo.

De modo geral, as propostas de gênero neutro dos substantivos e adjetivos se dão na inserção do *-e* ou *-u* como marcadores de gênero gramatical, com exceções das formas plurais de substantivos terminado em *-r/-ra*, que possui opções de segmentos mais restritos e diferenciados do nosso sistema linguístico. De acordo com as sugestões de não marcar um gênero nos substantivos e adjetivos mostradas neste tópico, a escolha do *e* como gênero neutro, aparentemente, se aplica apenas em casos de substantivos flexionados em *-a* e *-o*, pois como foi dito antes, a alternativa neutra *-u* possui semelhanças com a vogal *-o*, o que poderia causar um conflito de identificação do gênero gramatical. Já o uso do *-u* como marcador neutro dos substantivos aparece em casos mais específicos, como nas terminações *-ês/-esa*.

Apesar de alguns problemas morfofonológicos que estas propostas possam apresentar, estas formas de neutralizar o marcador de gênero gramatical parecem prosperar

em alguns casos, isso é perceptível na escrita. Porém, tais alternativas apresentam complexidades, como exemplificamos anteriormente. Em seguida faremos uma retomada das possíveis barreiras de adaptação desses sistemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para abordar o gênero neutro na língua portuguesa no presente trabalho surgiu a partir de discussões, propostas e práticas em torno do tema, que podem contribuir para uma nova perspectiva da língua. Tais práticas discursivas causaram um grande impacto no meio político não especializado em questões linguísticas, fazendo com que o gênero se apresentasse como uma ‘ameaça’ para a língua. Para isso, decidimos mostrar neste trabalho como estão postas algumas propostas de gênero neutro, de onde surgiram e quais as relações sociais e análises/interpretações que elas apresentam e representam. Tivemos como objetivo analisar tais propostas na nossa língua e investigar como essas formas podem se adaptar à gramática e ao uso cotidiano.

Vimos que o gênero gramatical não se define apenas pela sua terminação, e que existem outros elementos morfossintáticos que são determinantes do gênero, como por exemplo o uso do artigo e de adjetivos. Além disso, pudemos observar que a confusão entre gênero gramatical e sexo está diretamente ligada à falta do conhecimento da diferença entre processo lexical e processo flexional. Tendo isso em mente, fizemos uma breve investigação de como algumas propostas de gênero neutro se aplicariam em casos de confusão entre gênero e sexo.

No que diz respeito às propostas de neutralidade do gênero gramatical, percebemos que o uso dos símbolos ‘@’ e ‘x’ não seria eficaz para servir com marcador de gênero neutro, pois não existe previsão fonológica para serem realizadas no nosso sistema linguístico. Por se prender a apenas forma escrita, essa proposta poderia excluir pessoas que necessitam de um sistema de leitura virtual, já que não há formas fonológicas de serem realizadas na língua portuguesa, deste modo, se contrapondo à ideia de inclusão. Vimos também algumas discussões a respeito do uso genérico do masculino no português brasileiro, que é considerado por alguns como falso neutro. O emprego do masculino genérico para definir o

gênero neutro é criticado por parte de alguns ativistas que afirmam que tal uso reproduz relações sociais não igualitárias como o machismo. Para complementar, expusemos algumas opções de linguagem neutra que evitam o uso do masculino genérico. Em contraposição, colocamos outra visão que nega a percepção sexista da língua e afirma que a proposta de não usar o masculino genérico está relacionada à falta de conhecimento da diacronia e da sincronia da gramática do português brasileiro.

Com isso, fizemos uma breve retomada de como surgiu o latim, e investigamos o processo da formação do português a partir do latim vulgar. Sendo assim, contextualizamos todas as declinações e casos, para que desta forma pudéssemos conseguir identificar os motivos da queda do gênero neutro ainda no latim, o que o impossibilitou de chegar ao português. Abordamos a concepção do gênero neutro na língua latina, que, *a priori*, servia apenas para se referir a seres inanimados, porém mostramos que também em casos específicos havia relações com seres animados. Além disso, observamos que o gênero neutro latino deixou vestígios no português brasileiro, como os pronomes demonstrativos.

Também mencionamos que há propostas de gênero neutro em outras línguas, como no caso do inglês. Vimos que as formas existentes de pronomes na língua inglesa não eram o suficiente para representar neutralidade gramatical. Por isso, foi criado um sistema que visa especificar e deixar mais clara a neutralidade do gênero através de mudanças morfológicas e fonético-fonológicas. As propostas de gênero neutro no português brasileiro também se pautam nessas especificações. A maioria das sugestões exige alteração morfofonológica nas palavras às quais se aplica. No caso dos pronomes do português brasileiro, existe a proposta de trocar a terminação por *-e* ou *-u*, além da alomorfa do radical (*ile*). Nas alternativas de artigos neutros, apontamos possíveis problemas na efetivação da neutralidade. Uma das principais barreiras que sinalizamos é a realização fonética que pode gerar assimilações com formas de elementos já existentes na língua, como é o caso da alternativa neutra da contração de artigo definido (*de*). Isso se repete nas propostas de substantivos neutros, como no caso de ‘professories’, que citamos no tópico 4.3. Além disso, analisamos de acordo com as noções de Schwindt (2020) e Rocha (1998), que algumas alternativas de marcador de gênero podem não ser eficazes em certos casos, como em substantivos comuns de dois gêneros.

Algumas propostas de gênero neutro analisadas neste trabalho possuem formas mais restritas, que exigem aprendizagem formal em alguma medida para a adaptação ao dia a dia.

Outras propostas, como a alternativa de não usar o masculino genérico, apresentam uma funcionalidade mais prática por não necessitar de uma adaptação morfológica totalmente nova. Portanto, o que pode contribuir para a inserção dessas novas propostas de gênero neutro é a prioridade da adaptação gradual, tendo em mente a nossa norma padrão da língua, ou seja, quanto mais similar ao que temos na língua, mais fácil a adaptação.

Acreditamos que esta pesquisa bibliográfica cumpriu com o objetivo de mostrar e analisar algumas propostas de gênero neutro que estão em pauta na língua portuguesa, apontando possíveis barreiras morfofonológicas que essas alternativas podem apresentar. Por outro lado, julgamos necessário também, investigar essas alternativas de gênero neutro pelo viés social. Além dos problemas morfofonológicos que essas propostas possam apresentar, devemos ressaltar que o gênero neutro é visto por grande parte da comunidade política brasileira que não é especializada em estudos linguísticos, como ‘deturpação da língua’, e proíbe o uso em escolas. Tais ações nos levam à reflexão da necessidade de conscientização da mutabilidade da língua e da sociedade. Esperamos que este trabalho possa contribuir para uma nova perspectiva da língua, e que colabore com as possíveis pesquisas a respeito do gênero neutro no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. C. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. 2020. Disponível em < [\(PDF\) Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa | Gioni Caê Almeida - Academia.edu](#) > Acesso em 20 de out. de 2021.
- ASSIS, Maria Cristina et alii. **História concisa da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BAGNO, M. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: UnB, 2007.
- _____. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.
- BERTUCCI, Pri. **Um guia para promover a linguagem inclusiva em português**. Diversity Bbox, 2020. Disponível em < [UM GUIA PARA PROMOVER A LINGUAGEM INCLUSIVA EM PORTUGUÊS | diversitybbox](#) > Acesso em 20 de out. de 2021.
- BOTELHO, J. M. **A distribuição dos substantivos em gênero: uma proposta didática**. SOLETRAS (UERJ), v. Único, p. 7-17, 2010.
- CÂMARA, J. M. **Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa**. 3ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. ed. 15. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARDEIRA, Esperança. **História do Português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. p. 24.
- CARVALHO, Castellar. **História Interna da Língua Portuguesa**. Cadernos da ABF. v. 2, n. 2, UFRJ/ABF: Rio de Janeiro, 2004. Disponível em < [::CiFEFiL:: \(filologia.org.br\)](#) > Acesso em 01 de out. de 2021.
- CARVALHO, D. (2020). **As genitálias da gramática**. Revista da Abralin, v. 19, n. 1, p. 1-21. 2021. Disponível em < [As genitálias da gramática | Revista da ABRALIN](#) > Acesso em 17 de out. 2021.
- CASSIANO, Ophelia. **Guia para “Linguagem Neutra” (PT – BR)**. 2020. Disponível em: < [Guia para “Linguagem Neutra” \(PT-BR\) | by Ophelia Cassiano | “Linguagem Neutra” \(PT-BR\) | Medium](#) >. Acesso em 20 de out. de 2021.

CORADO, Patrícia. NASCIMENTO, Érica Portas do. **Gênero Neutro**. 2021. Disponível em < [Lingua Minha | GÊNERO NEUTRO](#) > Acesso em 13 de out. de 2021.

COSTA, J. F. A construção cultural da diferença entre os sexos. In. **Sexualidade, gênero e sociedade**. ano 2, número 3, junho 1995, p. 3-8. Disponível em < [A Construção cultural da diferença entre os sexos \[1\]](#) > Acesso em 29 de set. de 2021.

DECLERCQ, Marie. **Linguagem neutra: proposta de inclusão esbarra em questões linguísticas**, 2020. Disponível em < [Linguagem neutra: proposta de inclusão esbarra em questões linguísticas - 07/10/2020 - UOL TAB](#) > Acesso em 15 de out. de 2021.

DICIONÁRIO SUECO INCLUIRÁ PRONOME PARA GÊNERO NEUTRO. **G1**, 24 Nov. de 2015. Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/dicionario-sueco-inclui-pronome-para-genero-neutro.html> > Acesso em 18 de out. de 2021

DURÃES, Matilde. **Se a linguagem inclusiva te parece um labirinto, este dossier pode guiar-te**, 2021. Disponível em < [Se a linguagem inclusiva te parece um labirinto, este dossier pode guiar-te | Identidade de gênero | PÚBLICO \(publico.pt\)](#) > Acesso em 18 de out. de 2021.

FARIA, E. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FOLTER, Regiane. **Linguagem inclusiva e linguagem neutra: entenda a diferença**. Politize!, 2021. Disponível em < <https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/> > Acesso em 30 de out. de 2021.

KLAGES, M. **Theorizing Gender**. Colorado University at Boulder. 2010. Disponível em < [Klages on Gender \(uidaho.edu\)](#) > Acesso em 04 de nov. de 2021.

MANUEL, Jesús. **Tabela resumen de las declinaciones latinas**. Historia2010, 2011. Disponível em < [HISTORIA2010: TABLA RESUMEN DE LAS DECLINACIONES LATINAS \(ieshistoria2010.blogspot.com\)](#) > Acesso em 11 de out. de 2021.

NEVES, M. H. de M. **A sintaxe de Apolonio Discolo**. Clássica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos, 1993, p. 69-74. Disponível em < [A sintaxe de Apolonio Discolo | Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos](#) > Acesso em 19 de out. de 2021.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. **Queda do gênero neutro do latim: questiúnculas sobre a divergência entre o gênero real e o gênero gramatical**. In: Revista Philologus, Ano 21, Nº 63. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2015. Disponível em < [Revista Philologus, nº 55](#) > Acesso em 03 de out. de 2021.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PROPAGANDO A IGUALDADE COM O PRONOME FINLANDÊS “HAN”. **This is Finland**, Jun. de 2019. Disponível em < [Propagando a igualdade com o pronome finlandês “hän” - thisisFINLAND](#) > Acesso em 18 de out. de 2021.

RIBEIRO, Débora. Significado de gênero. **Dicio - Dicionário Online de Português**, 2017. Disponível em < [Gênero - Dicio, Dicionário Online de Português](#) > Acesso em: 30 de set. de 2021.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas Morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SAKURAI, Shinge. “**Ze**” Pronouns. My Pronouns. Disponível em < [Ze/Hir and Ze/Zir Pronouns — MyPronouns.org Resources on Personal Pronouns](#) > Acesso em 17 de out. de 2021.

SCHWINDT, L. C. (2020). **Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico**. Revista da Abralín, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020. Disponível em < [Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico | Revista da ABRALIN](#) > Acesso em 23 de set. de 2021.

SENDÉN, Marie G.; BÄCK, Emma A.; LINDQVIST, Anna. **Introducing a gender-neutral pronoun in a natural gender language: the influence of time on attitudes and behavior**. Front. Psychol, v. 6, artigo 893, p. 1-12, jul. 2015. Disponível em < [Frontiers | Introducing a gender-neutral pronoun in a natural gender language: the influence of time on attitudes and behavior | Psychology \(frontiersin.org\)](#) > Acesso em 17 de out. de 2021.

SILVA, Neildes Batista. **A formação do ditongo -ão: do latim para o português moderno**. Ano 1, no 1 jul./dez. 2010. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.